



Coleção Mundo da Leitura
ROTEIRO DE PRÁTICAS LEITORAS PARA A ESCOLA

Agregar mídias e criar colaborativamente

7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental

Tania M. K. Rösing
Elisângela de F. F. de Mello

2010





UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Rui Getúlio Soares

Reitor

Eliane Lucia Colussi

Vice-Reitora de Graduação

Hugo Tourinho Filho

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Adil de Oliveira Pacheco

Vice-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários

Nelson Germano Beck

Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora

Simone Meredith Scheffer Basso

Editora

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Augusto Nienow

Altair Alberto Fávero

Ana Carolina Bertolotti de Marchi

Andrea Poletto Oltramari

Angelo Vitorio Cenci

Cleiton Chiamonti Bona

Fernando Fornari

Graciela René Ormezzano

Renata Holzbach Tagliari

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

Sergio Machado Porto

Zacarias Martim Chamberlain Pravia

Copyright © Editora Universitária

Maria Emilse Lucatelli

Editoria de Texto

Sabino Gallon

Revisão de emendas

Giancarlo Rizzi

Projeto gráfico e ilustração da capa

Fábio Luis Rockenbach

Diagramação

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, bem como as imagens, tabelas, quadros e figuras, são de exclusiva responsabilidade dos autores.

CIP – Catalogação na Publicação

RS21a Rösing, Tania Mariza Kuchenbecker
Agregar mídias e criar colaborativamente : 7º, 8º e 9º
anos do ensino fundamental / Tania M. K. Rösing,
Elisângela de F. F. de Mello ; [projeto gráfico e ilustração
da capa Giancarlo Rizzi. – Passo Fundo: Ed. Universidade
de Passo Fundo, 2010.
43 p. : il. ; 24 cm. – (Coleção Mundo da Leitura. Roteiro
de práticas leitoras para a escola).

Inclui bibliografias.
ISBN 978-85-7515-459-5

1. Leitura - Prática. 2. Leitura - Desenvolvimento. 3.
Compreensão na leitura. 4. Aprendizagem por atividades. 5.
Literatura - História e crítica. I. Mello, Elisângela de F. F. de.
II. Rizzi, Giancarlo, ilustrador. III. Título. IV. Série.

CDU: 028.1

Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8373

CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



APRESENTAÇÃO

Vivemos novos tempos em relação à leitura. Não nos encontramos mais atrelados apenas aos textos impressos. Isso não significa que está decretado o fim do livro. Pelo contrário. O livro permanece com seu grande valor enquanto divulgador da cultura gerada ao longo dos séculos. E se revitaliza a cada nova produção.

Estamos conscientes, também, de que a compreensão na leitura abrange textos apresentados em diferentes suportes, orientando as práticas de leitura mais inovadoras. A internet invade a nossa vida, seduzindo especialmente os jovens, constituindo-se numa ferramenta importante para ser utilizada não apenas no processo de comunicação, mas como rico e variado material de leitura interativa.

O Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura – na condição de laboratório de ações de leitura do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo, seja na graduação, seja no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras, cumpre o seu papel de promover ações de leitura multimídiais para despertar o gosto pela leitura em diferentes suportes, em distintas linguagens.

No contexto das realizações desenvolvidas pelo Mundo da Leitura emerge a série de publicações **ROTEIROS DE PRÁTICAS LEITORAS PARA A ESCOLA**, elaboradas para o atendimento de públicos específicos – educação infantil, 1º e 2º anos, 3º e 4º anos, 5º e 6º anos, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental e ensino médio – po-

Agregar mídias e criar colaborativamente



dendo ser utilizadas por professores, por bibliotecários, por agentes de leitura. Cada volume privilegia um dos públicos referidos, totalizando, nesta primeira edição, seis propostas de roteiros distintas

A metodologia desenvolvida na elaboração dos roteiros partiu da seleção do tema gerador – Arte e tecnologia: novos desafios –, dando continuidade às discussões desenvolvidas em 2009, por ocasião da 13ª Jornada Nacional de Literatura e da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura, quando o foco dos debates girou em torno do tema “Arte e tecnologia: novas interfaces”.

Na sequência, foram elaborados os roteiros para os públicos específicos a partir do trabalho da equipe do Mundo da Leitura. Na primeira etapa, os roteiros são desenvolvidos no espaço do Mundo da Leitura e, numa segunda, são sugeridas atividades leitoras a serem desenvolvidas na escola, na biblioteca, em espaços culturais, por professores, bibliotecários, agentes de leitura e alunos que participaram da primeira etapa enquanto experiência inicial. Pretendemos que esses roteiros possam contribuir com o trabalho dos usuários do Mundo da Leitura, estimulando a continuidade de práticas de leitura na escola a partir da experiência de leitura multimídia vivenciada no espaço do Centro de Referência de Literatura e Multimeios.

Prezado leitor, distinta leitora, desejamos compartilhar com cada um e com todos nossas preocupações. O que nos falta são leitores. O que nos falta é entrar em contato com as experiências daqueles que já estão envolvidos pela magia em que se constitui o ato de ler. O que nos falta são dinamizadores de leitura dos acervos existentes nas escolas, no espaço da biblioteca, na família. O que nos falta é a coragem de transformar as bibliotecas na perspectiva de centros culturais multimídiais. O que nos falta são atitudes po-



Agregar mídias e criar colaborativamente



sitivas em relação à leitura para o aprimoramento do ser humano como fundamento de construção de sua cidadania.

Precisamos despertar o interesse dos leitores em formação pela leitura da música, da pintura, do teatro, da dança, da escultura, da arquitetura. Precisamos mostrar o valor das histórias em quadrinhos, das charges, dos cartuns, do grafitti, formando públicos interessados nessas manifestações artísticas. Precisamos valorizar as manifestações da cultura popular, ampliando nosso conhecimento e nossa sensibilidade pela pluralidade de vozes em que se constitui a cultura em toda a sua complexidade e em toda a sua diversidade. Precisamos renovar o interesse desses leitores por lendas, fábulas, mitos. Precisamos levantar interesses e necessidades dos neoleitores, leitores da internet, apreciadores das ferramentas eletrônicas disponíveis na atualidade pelos avanços tecnológicos. Precisamos considerar os assuntos com os quais estão envolvidos, os temas que lhes trazem preocupação e os que propiciam construir sonhos, construir um olhar otimista para a vida com o intuito de vencer os obstáculos que tentam impedir experiências vivenciais no contexto de um mundo melhor.

Prof. Dr. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

Coordenadora do Centro de Referência
de Literatura e Multimeios

Agregar mídias e criar colaborativamente

5



SUMÁRIO

Apresentação.....	3
Introdução.....	9
Prática Leitora no Mundo da Leitura.....	13
Prática Leitora na Escola.....	15
Atividade 1: Trabalhando com crônicas.....	15
Atividade 2: Conhecendo obras de arte e criando colaborativamente.....	16
Atividade 3: A música como possibilidade de emitir opiniões.....	18
Atividade 4: Recriando imagens.....	20
Atividade 5: Escrevendo diariamente.....	24
Atividade 6: Lendo e compartilhando textos.....	26
Atividade 7: Elaborando textos colaborativamente.....	27
Sugetões de Leitura.....	33
Anexos.....	35
Referências.....	45

Agregar mídias e criar colaborativamente

7





INTRODUÇÃO

O Centro de Referência de Literatura e Multimeios - Mundo da Leitura desde 1997 desenvolve práticas leitoras multimídiais nas visitas agendadas de escolas da cidade e da região. Para o Mundo da Leitura, o objetivo de tais atividades, que devem ter continuidade na escola, é contribuir na formação de leitores multi e hipermidiais.

O interessante de uma atividade extracurricular é que esteja ligada com as propostas realizadas pelo professor. Para isso elaborou-se este roteiro, com propostas de atividades para complementar as ações dos professores após a visita ao Mundo da Leitura, para que seja significativa educacional e culturalmente para os alunos.

As propostas deste roteiro de atividades destinam-se aos alunos de 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental e contemplam o uso das diferentes mídias. Almeja-se com este material contribuir na formação de um leitor crítico, que seja capaz de interpretar as obras lidas e expressar suas opiniões. O tema escolhido para ser desenvolvido com esse nível de ensino está ligado à produção coletiva no ciberespaço. Percebe-se que a era do conhecimento está se efetivando. Nesse contexto, é importante que as tecnologias de rede contribuam para a produção coletiva.

A criação coletiva consiste em ações em conjunto realizadas por pessoas espacialmente distantes ou próximas, com habilidades diferentes. Por meio do conhecimento compartilhado o coletivo chega a um objetivo comum. É importante mostrar aos jovens a riqueza da convivência em grupo e da aprendizagem com o outro,

Agregar mídias e criar colaborativamente



e as tecnologias de rede podem potencializar essa interação, uma vez que os indivíduos podem usar isso a seu favor ao estarem em contato com outras pessoas, independentemente da distância territorial que exista entre elas. Na rede, com a convergência das mídias, podem-se criar infinitos produtos. E então, ao invés de individualizar criações, por que não unir habilidades e produzir algo mais elaborado?

Algumas experiências coletivas já existem no ciberespaço, como a Wikipédia, o web jornalismo, o Google Docs, os blogs coletivos, os quais são o início de uma nova possibilidade de produzir informação e construir conhecimento. Entretanto, com esse roteiro propõe-se algo mais localizado, para que os alunos se familiarizem com a ideia de colaboração e tenham condições de, futuramente, colaborar com outros grupos.

Nesse sentido, as práticas leitoras presentes neste livro buscam a reflexão e a discussão sobre a produção coletiva e objetivam apresentar aos jovens a riqueza das obras criadas coletivamente. Não se quer inferiorizar as obras de autores que produzem individualmente, mas mostrar a possibilidade de hoje se compartilhar conhecimento por meio da internet e viabilizar que as ideias se concretizem com a ajuda de pessoas do mundo todo.

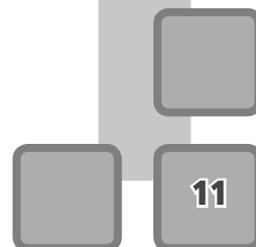
Entretanto, é importante ressaltar que produções coletivas precisam contemplar as habilidades dos autores, além de deverem ter qualidade, originalidade, ideias a transmitir. Portanto, quanto mais pessoas trabalharem juntas e se comprometerem com a produção e com o grupo, maior será a probabilidade de se obter um resultado melhor. Quando as informações são publicadas na rede, seus atores precisam ter clareza e responsabilidade em relação às informações divulgadas, pois, se a internet é um espaço livre e democrático, cabe aos colaboradores disponibilizarem informações





que realmente sejam significativas e qualitativas. Hoje, a maioria dos autores na internet é anônima, o que tende a aumentar. Logo, é de vital importância colaborar na formação de crianças e jovens, para que, além de navegar na internet, sejam produtores de informação.

Agregar mídias e criar colaborativamente





PRÁTICA LEITORA NO MUNDO DA LEITURA

■ Materiais e recursos

- ▶ Livro *A boca no mundo: 100 crônicas de Fernando Bonassi*
- ▶ CD *Ana e Jorge ao vivo*
- ▶ Fotos da exposição *Vertigem* dos artistas Otávio e Gustavo Pandolfo (Os Gêmeos)
- ▶ Computador com acesso à internet
- ▶ Projetor multimídia

■ Etapas propostas

1. Assistir a uma apresentação multimídia envolvendo a crônica “Breves considerações a respeito dessas épocas”, do autor Fernando Bonassi; a música “Vida social”, do cantor Seu Jorge, e as obras de Gustavo e Otávio Pandolfo (Os Gêmeos).



2. Perguntar aos alunos o que as imagens, a música e a crônica os fizeram recordar e qual pode ter sido a intenção de cada autor.

3. Propor uma reflexão sobre os desafios de nossa época no que diz respeito às dificuldades sociais e à leitura dos autores sobre

Agregar mídias e criar colaborativamente



essa situação. Lembrar que os autores recorrem a uma linguagem para se comunicar.

4. Apresentar a biografia dos autores Fernando Bonassi, Seu Jorge e Gustavo e Otávio Pandolfo (Os Gêmeos). Lembrar que estes autores conseguiram apresentar a realidade social de nossa época mantendo a qualidade de suas obras, sendo originais e permitindo que o leitor pense sobre as questões sociais apresentadas. Inclusive, os artistas Os Gêmeos conseguem unir suas habilidades e montar colaborativamente uma exposição de arte utilizando diferentes mídias.

5. Sugerir a exibição do filme *Escritores da liberdade*, que coloca em pauta problemas sociais, como a criminalidade juvenil enfrentada por uma professora dentro da escola, a qual, por meio de uma proposta pedagógica baseada na leitura e na escrita, consegue recuperar esses jovens. O envolvimento dos alunos nas aulas resulta na produção de um livro que reúne os textos da turma. Apesar de não ser uma produção coletiva, é o primeiro passo para isso acontecer, porque os textos dos alunos trazem histórias de suas vidas, as quais estão inseridas na mesma comunidade.

6. Disponibilizar livros de crônicas para leitura no espaço livre do Mundo da Leitura ou no espaço onde esteja sendo realizada a prática.

7. Desenvolver uma criação coletiva, a exemplo dos irmãos Otávio e Gustavo. Sugerir aos alunos que criem e disponibilizem seu trabalho (texto ou slideshow) na internet, no endereço <http://visitamundodaleitura.blogspot.com/>



Atividade 1: Trabalhando com crônicas

■ Objetivos

Ler crônicas e reconhecer os recursos expressivos presentes nos textos de diversos autores. Produzir crônicas colaborativamente e compartilhá-las com a comunidade escolar.

■ Materiais e recursos

- ▶ Livro *A boca no mundo: 100 crônicas*, de Fernando Bonassi.

■ Etapas propostas

1. Questionar os alunos sobre o que sabem sobre crônicas com o intuito de identificar o seu conhecimento prévio, como também possibilitar a troca de ideias na turma.

2. Realizar a leitura da crônica “Muita atenção com esses caras!”. (BONASSI, 2007, p. 88). Comentar com a turma o conteúdo do texto, a linguagem utilizada e a estrutura escolhida pelo autor.

3. Explicar aos alunos o que é uma crônica literária. Sugere-se a leitura com eles do Anexo 3.



Agregar mídias e criar colaborativamente



4. Solicitar aos alunos que durante uma semana busquem crônicas de diversos autores e as tragam para a escola, identificando o autor e a referência bibliográfica. Se não as encontrarem, o professor pode fornecer exemplares de jornais que diária ou semanalmente publicam crônicas.

5. Reunir os alunos em duplas ou trios para que criem colaborativamente uma crônica a partir de um tema definido pelo grupo. Compartilhar os textos no blog e ou no mural da escola.

6. Promover um sarau de crônicas para outras turmas da escola. Podem ser escolhidos textos de diferentes autores ou os escritos pela turma. Selecionar alguns textos para expor semanalmente na escola.

Atividade 2: Conhecendo obras de arte e criando colaborativamente

■ Objetivos

Conhecer e entender melhor a arte do grafite e a concepção de criação colaborativa. Desenvolver habilidades de criação artística colaborativa.

■ Materiais e recursos

- ▶ Vídeo com as obras da exposição Vertigem. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=sgeNRbgcm4o
- ▶ Reportagem “O grafite contemporâneo” (Anexo 1)



■ Etapas propostas

1. Dividir a turma em grupos e solicitar aos alunos que pesquisem na biblioteca ou na internet sobre a arte do grafite, apresentando os resultados da pesquisa em aula.
2. Apresentar as informações reunidas e, no encerramento, esclarecer sobre a diferença entre grafite e pichação.
3. Contar novamente aos alunos a vida dos artistas Otávio e Gustavo Pandolfo (Os Gêmeos). Utilizar a reportagem do Anexo 1 para subsidiar o exposto sobre a arte do grafite e a vida dos artistas.
4. Assistir ao vídeo com as obras da exposição Vertigem, disponível no endereço supracitado.
5. Comentar com os alunos que estes artistas têm a capacidade singular de criar colaborativamente sem perder a unidade. Eles mantêm o conceito de ter um personagem em diferentes situações. O intrigante das obras é a sua duração, pois a exposição e as obras possuem um período de vida, ou seja, são temporárias. Como a maior parte das obras é criada nas paredes do local, após o período da exposição as paredes são novamente pintadas.
6. Lembrar que os irmãos pintam sobre um tema. No vídeo, o tema era vertigem e eles se inspiraram em elementos sociais e culturais. Propor aos alunos que criem colaborativamente um trabalho (escultura, pintura, obra interativa). Após a realização da atividade, o melhor trabalho, eleito pelos alunos ou por uma comissão, pode ser exposto na escola. Se o trabalho escolhido for uma pintura, tratar com a direção para que os alunos possam pintar uma parede ou muro da escola.

Agregar mídias e criar colaborativamente



Atividade 3: A música como possibilidade de emitir opiniões

■ Objetivos

Conhecer os recursos expressivos presentes na música e no texto literário. Identificar a maneira como os autores se posicionam diante dos problemas sociais. Aprender a se posicionar diante dos fatos, opinando sobre eles.

■ Materiais e recursos

- ▶ CD *Ana e Jorge ao vivo*
- ▶ Livro *A boca no mundo: 100 crônicas*, de Fernando Bonassi.
- ▶ Crônicas de Arnaldo Jabor. Disponíveis em: <http://colunasjg.globo.com/arnaldojabor/>

■ Etapas propostas

1. Sem mencionar que é o nome de uma música, escrever no quadro BRASIL CORRUPÇÃO e perguntar aos alunos o que a expressão sugere. Incentivá-los a falar sobre como escreveriam um texto com o título que está no quadro.
2. Ouvir a música selecionada; apresentar seus intérpretes e compositores. Mais informações no blog do Mundo da Leitura.
3. Entregar a letra da música para que os alunos a acompanhem enquanto escutam novamente a canção.



Brasil corrupção

Ana Carolina/Tom Zé

Neste Brasil corrupção
pontapé bundão
puto saco de mau cheiro
do Acre ao Rio de Janeiro
Neste país de manda-chuvas
cheio de mãos e luvas
tem sempre alguém se dando bem
de São Paulo a Belém
Pego meu violão de guerra
pra responder essa sujeira
E como começo de caminho
quero a unimultiplicidade
onde cada homem é sozinho
a casa da humanidade
Não tenho nada na cabeça
a não ser o céu
não tenho nada por sapato
a não ser o passo
Neste país de pouca renda
senhoras costurando
pela injustiça vão rezando
da Bahia ao Espírito Santo
Brasília tem suas estradas
mas eu navego é noutras águas
E como começo de caminho
quero a unimultiplicidade
onde cada homem é sozinho
a casa da humanidade

4. Solicitar aos alunos que verbalizem as relações que conseguiram estabelecer a partir da música. Permitir que dialoguem sobre as diferentes interpretações que surgirem.
5. Comentar que a música pode despertar sentimentos e sensações diversas em cada pessoa, pois cada um realiza uma leitura da letra.
6. Apresentar outros tipos de textos que envolvam o assunto tratado pela música. Sugestões: a crônica “Muita atenção com esses caras!”

Agregar mídias e criar colaborativamente



(BONASSI, 2007, p. 88) ou uma das crônicas diárias de Arnaldo Jabor (disponíveis no endereço supracitado). O professor pode utilizar, a seu critério, outros textos relacionados com a música ou o tema. Explicitar essa intertextualidade em sala de aula, para que o aluno também possa estabelecer relações com outros textos.

7. Comentar com os alunos que muitas músicas hoje são resultados de mixagens. Há um tratamento digital que transforma as músicas já existentes em trechos de músicas novas.

8. Propor que os alunos criem canções, se possível, com letra e melodia baseadas no tema desenvolvido no Mundo da Leitura e, posteriormente, contempladas em sala de aula.

9. Realizar em conjunto com o professor de educação física a criação de uma coreografia com os alunos a partir dos movimentos que a música “Brasil corrupção” sugere.

Atividade 4: Recriando imagens

■ Objetivos

Conhecer e refletir sobre a utilização da imagem na sociedade com o advento das tecnologias. Reconhecer uma obra original e identificar a diferença entre releitura e apropriação. Criar imagens com base nas obras disponíveis na rede, mas mantendo um conceito de criação.

■ Materiais e recursos

- ▶ Imagem da obra *O grito*
- ▶ Imagem de releituras e apropriação da obra citada
- ▶ Imagens das obras de Gustavo e Otávio Pandolfo (Os Gêmeos) (reproduzidas no roteiro)



■ Etapas propostas

1. Apresentar a obra *O grito*, de Edvard Munch



O grito (no original *Skrik*) é uma pintura do norueguês Edvard Munch datada de 1893. A obra representa uma figura andrógina num momento de profunda angústia e desespero existencial. O pano de fundo é a doca de Oslofjord (em Oslo) ao pôr-do-sol. *O grito* é considerada uma das obras mais importantes do movimento expressionista e adquiriu um estatuto de ícone cultural, a par da *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci. (Wikipédia. http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Grito_%28Edvard_Munch%29)

2. O professor pode informar aos alunos que existem várias interpretações para esta obra. Uma delas relata que no quadro o pintor procurou mostrar a angústia. Para saber mais sobre a obra ler o Anexo 2.

3. Mostrar as releituras das obras e conversar com os alunos sobre elas:



Millôr Fernandes é uma apropriação criada a partir

O grito de Karol Wojtyła: A montagem de

Millôr Fernandes nasceu em 1923 no Rio de Janeiro; é jornalista, escritor, artista plástico, humorista, pensador. Foi batizado como Milton Viola Fernandes, mas em sua certidão de nascimento foi registrado como Millôr. Aos dois anos perdeu o pai e ficou órfão de mãe aos onze anos. Desde muito cedo começou a trabalhar: com 15 anos foi contratado pela revista *O Cruzeiro* como contínuo; Aos 16 anos, convidado para colaborar na revista *A Cigarra*. Em 1943 voltou para a revista *O Cruzeiro*, cujos exemplares semanais conseguiu ampliar de 11 mil para 750 mil enquanto nela esteve trabalhando. Seu primeiro livro publicado foi *Eva sem costela*. Em 1968 colaborou para a fundação do jornal *O Pasquim*. Como cartunista, colabora em órgãos da imprensa brasileira e, como cronista, tem mais de quarenta títulos publicados.

Agregar mídias e criar colaborativamente



do quadro de Edvard Munch e do “grito” silencioso do papa João Paulo II, Karol Wojtyła. O pontífice, em uma de suas aparições em público, pouco antes da morte, não conseguiu se comunicar com o povo. Na hora de seu pronunciamento sua voz não saiu e o papa não escondeu a imensa dor que sentia.



El grito: Nesta charge **Eneko** mostra ao fundo uma cidade poluída em decorrência da fumaça liberada pelas fábricas e, na frente, uma pessoa com a boca aberta como se estivesse gritando, o que lembra o quadro de Edvard Munch.

Eneko nasceu em Caracas em 1963. Desenhista e chargista desde a adolescência. Procura em suas charges abordar temas sociais e ambientais. Algumas de suas charges possuem a licença Creative Commons, podendo ser reproduzidas e reelaboradas livremente desde que se mantenha a indicação da autoria.





Abram Groening recria a obra, mas com o personagem da série os Simpsons.

Homer Simpson em *O Grito*: é uma releitura da obra, em que o autor **Matthew**

Matthew Abram Groening nasceu em Oregon nos Estados Unidos em 1954. Ele é cartunista e criador da série Os Simpsons. Antes de trabalhar no seriado da Fox, ele criou tiras sindicalizadas *Life in Hell*, que ainda são impressas por vários jornais semanais e foram reunidas em uma antologia, organizada em livros como *School is Hell*, *Love is Hell*, *Work is Hell* e *The Big Book of Hell*. Em 1985 as tiras chamaram a atenção de um produtor de Hollywood que entrou em contato com Groening, propondo um trabalho na Fox. O cartunista aceitou o convite e criou os personagens Os Simpsons, inspirados em sua família. O Bart, sinônimo de pivete, representa o próprio autor.

4. Enfatizar que as releituras, apropriações ou charges não tiram o valor da obra original. A obra é uma referência para outras criações, porque inspira outros autores, mas quem recria não faz cópia da ideia original. A releitura deve promover outra reflexão.

5. Lembrar que as possibilidades digitais permitem a propagação das montagens e releituras. Neste caso é importante que as edições de imagens sejam originais. Quem cria deve trazer algo de novo; por isso, é importante ter claro o que se quer comunicar ao produzir algo.

6. Escolher uma das obras de Gustavo e Otávio Pandolfo (Os Gêmeos) na internet para recriar a partir dela. O professor e/ou os alunos escolhem que releitura gostariam de realizar. Podem optar

Agregar mídias e criar colaborativamente



por manter a ideia da obra original com um novo personagem, como foi realizado com a releitura de Homer em *O grito*; fazer uma fotomontagem, a exemplo de que Millôr fez com a foto de João Paulo II; ou criar uma caricatura mantendo o tema que remete à obra original. Os alunos podem realizar a atividade editando as imagens no computador ou recriando-as por meio de desenhos, pinturas, recortes e colagens.

7. Disponibilizar as releituras na internet ou no mural da escola. Os trabalhos podem ser enviados para leitura@upf.br e serão postados no blog do Mundo da Leitura (visitamundodaleitura.blogspot.com).

Atividade 5: Escrevendo diariamente

■ Objetivos

Ampliar a competência discursiva dos alunos incentivando-os a se posicionar diante dos fatos e a opinar sobre eles. Ler e analisar diferentes tipos de textos disponíveis nas mais variadas mídias. Produzir textos de diferentes gêneros sistematicamente.

■ Materiais e recursos

- ▶ Filme *Escritores da liberdade*

■ Etapas propostas

1. Exibir o filme *Escritores da liberdade*.
2. Realizar uma mesa-redonda com os alunos sobre as impressões do filme: cenas marcantes, personagens importantes, o que consideraram mais interessante no filme.



3. Conversar com os alunos estabelecendo comparações entre a sua escola e a do filme. Perguntar quais são as dificuldades, como é o comportamento dos alunos, o que poderia mudar na escola, quais foram as ações realizadas no filme para melhorar o ambiente escolar, o que poderia ser feito na sua escola, etc.

4. Fazer uma breve recapitulação do filme, lembrando o comportamento turbulento dos alunos e o seu envolvimento com gangues, o fato de irem para a escola sem vontade de estudar e de não terem perspectivas de vida. Chamar a atenção que em nossa sociedade não é diferente, pois muitos jovens estão vendo na comercialização de drogas e nos assaltos uma maneira de conseguir dinheiro fácil. Infelizmente, as manchetes trazem informações de jovens envolvidos em crimes e muitos desses acabam mortos.

5. Propor aos alunos a criação de um caderno de textos, à semelhança dos produzidos no filme, no qual deverão escrever diariamente sobre um acontecimento marcante (notícias, eventos da escola, fatos pessoais...). Os relatos devem ser descritivos e trazer a opinião dos alunos sobre eles. A ideia não é copiar a notícia, mas relatar o que aconteceu, como repercutiu o fato e o ponto de vista do aluno sobre o fato.

6. Destinar alguns minutos da aula semanalmente para a leitura de alguns relatos. Os textos devem ser avaliados pelo professor com o objetivo de dar dicas de escrita para incentivar os alunos a criarem diferentes tipos de textos.

Agregar mídias e criar colaborativamente



Atividade 6: Lendo e compartilhando textos

■ Objetivos

Desenvolver as habilidades orais de expressão, comunicação e interpretação.

■ Materiais e recursos

- ▶ Livro *A boca no mundo: 100 crônicas*, de Fernando Bonassi

■ Etapas propostas

1. Realizar a leitura em voz alta da crônica “Texto para leitura”. (BONASSI, 2007, p. 58).
2. Questionar os alunos sobre o assunto abordado no texto, por que o autor o aborda, para quem escreve e qual é o gênero textual do texto. Questioná-los também sobre o livro de que mais gostaram e a razão disso, além de quais os autores e livros que o texto lido os fez lembrar.
3. Propor aos alunos uma visita à biblioteca da escola. O texto do Fernando Bonassi termina com uma provocação: “Larga de ser burro e leia!”. Incentivar os alunos a irem à biblioteca¹ e escolherem o texto que julgarem mais interessante para ser apresentado em aula. O texto selecionado pode ser de qualquer gênero textual.
4. Dividir a turma em grupos de quatro alunos. Solicitar que em cada grupo seja realizada a leitura em voz alta de todos os textos selecionados. Após a leitura de cada texto, o grupo deverá dialogar com os alunos formulando as seguintes questões:

¹ O Mundo da Leitura disponibiliza o serviço de empréstimo de sacolas com 35 livros para professores com regência de classe trabalhar em sala de aula.



- Quem é o autor dos textos?
- Qual é o gênero textual deste texto?
- Quando foi escrito?
- Sobre o que a crônica trata?
- Qual foi o motivo de ter escolhido os textos?

5. Apresentar os textos escolhidos para a turma inteira. Cada aluno deve falar algo sobre seu texto e justificar sua escolha. A intenção é criar uma roda de reconto oral para compartilhar os textos lidos e com possibilidades de incentivar a turma a ler outros textos.

6. Realizar o fechamento da atividade retomando os conceitos dos gêneros textuais apresentados.

Atividade 7: Elaborando textos colaborativamente

■ Objetivos

Desenvolver as habilidades de leitura, escrita e interpretação. Conhecer os recursos expressivos presentes nos textos e transpor aspectos fundamentais para outras mídias ou expressões artísticas.

■ Materiais e recursos

- ▶ Livro *A boca no mundo: 100 crônicas*, de Fernando Bonassi
- ▶ Livro *Se eu fosse aquilo*

Agregar mídias e criar colaborativamente



■ Etapas propostas

1. Selecionar diferentes textos (poemas, contos, crônicas, letras de música, texto teatral...), reproduzi-los e expô-los em sala de aula para que os alunos os leiam individualmente.
2. Ler a crônica “Texto para leitura”. (BONASSI, 2007, p. 58). Se a atividade anterior já foi realizada, o professor pode optar por ler um ou mais dos poemas abaixo:

Aula de leitura

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender
vai ler nas folhas do chão
se é outono ou verão;
nas ondas soltas do mar
se é hora de navegar;
e no jeito da pessoa
se trabalha ou se é à-toa
na cara do lutador,
quando está sentindo dor;
vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;
e no pêlo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;
e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;
e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou se vai lento;
e também no calor da fruta,
e no cheiro da comida,
e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,
e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,





vai ler nas nuvens no céu,
vai ler na palma da mão,
vai ler até nas estrelas,
e no som do coração.
Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos tem segredos
difíceis de decifrar.

(AZEVEDO, R. *Se eu fosse aquilo*. São Paulo: Ática, 2002)

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.

Não uso o coração.
Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço

Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.
Por isso escrevo em meio
Do que não está de pé,

Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

(GOMES, A. C. *Fernando Pessoa: antologia poética*. São Paulo: Moderna, 1994)

leite, leitura,
letras, literatura,
tudo o que passa,
tudo o que dura
tudo o que duramente passa
tudo o que passageiramente dura
tudo, tudo, tudo,

Agregar mídias e criar colaborativamente





não passa de caricatura
de você, minha amargura
de ver que viver não tem cura
nunca sei ao certo
se sou um menino de dúvidas
ou um homem de fé
certezas o vento leva
só dúvidas ficam de pé.

(LEMINSKI, Paulo. *O ex-estranho*. São Paulo: Iluminuras. 1996. p. 26. (Coleção Catatau))

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.

(Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: biblioteca.planejamento.gov.br/.../at_managed_file.2009-09-11.7727281382/)

Qual loga, qual nada! A melhor ginástica respiratória que existe é a leitura, em voz alta, dos Lusíadas.

(QUINTANA, M. *Caderno H. 7*. ed. São Paulo: Globo, 1998).

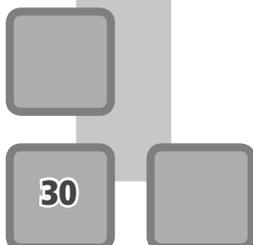
Leituras 2

Não, não te recomendo a leitura de Joaquim Manuel de Macedo ou de José de Alencar. Que idéia foi essa do teu professor?

Para que havias tu de os ler, se tua avozinha já os leu? E todas as lágrimas que ela chorou, quando era moça como tu, pelos amores de Ceci e da Moreninha, ficaram fazendo parte do teu ser, para sempre.

Como vês, minha filha, a hereditariedade nos poupa muito trabalho.

(QUINTANA, M. *Caderno H. 7*. ed. São Paulo: Globo, 1998.)



Agregar mídias e criar colaborativamente



3. Questionar os alunos sobre o gênero dos textos e a ideia de leitura que cada autor trabalhou nos poemas.

4. Solicitar aos alunos que escolham um dos textos em exposição, o qual deve ser lido individualmente, identificando o autor e o assunto. Após a atividade, eles devem se reunir em grupos, ler e conversar sobre os textos; por fim, escolher aquele de que mais gostaram.

5. Elaborar um texto em grupo sobre o assunto abordado no texto escolhido. É importante que antes de escrever o grupo defina o gênero, o conteúdo e a extensão do texto.

6. Apresentar o texto selecionado para a turma, utilizando uma mídia ou expressão artística (recitação, teatro, vídeos, slides como fotos, músicas...), e entregar o texto criado pelo grupo para os colegas. Os textos também podem ser postados no blog ou no site da escola.

Agregar mídias e criar colaborativamente

31



Sugestões de Leitura

Livros

AFFONSO Romano Sant'anna. *Crônicas escolhidas*. Manaus: Microservice 10 faixas

BONASSI, F. *Montanha-russa*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. *Passaporte*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

_____. *Uma carta para Deus*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1997.

_____. *Centro nervoso*. Petrobras, 2006.

_____. *Declaração universal do moleque invocado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

_____. *Tá louco!*. São Paulo: Moderna, 1996.

_____. *Vida da gente*. Belo Horizonte: Formato, 1999.

_____. *A incrível história de Naldinho: (um bandidão ou anjinho?)*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

_____. *Prova contrária*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

_____. *O menino que se trancou na geladeira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. *Subúrbio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BRAGA, R. *200 crônicas escolhidas*. São Paulo: Círculo do Livro.

COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FISCHER, L. A. *Contra o esquecimento: crônicas de idéias*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

MACHADO de Assis. *Poesias, crônicas e contos por Othon Bastos*. Caucaia: Digital Lines, 1999. CD 1.

Agregar mídias e criar colaborativamente



MEDEIROS, M. *Topless*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

MUNDURUKU, D. *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*. São Paulo: Callis, 2004.

POLIZZI, V. P. *Enquanto estamos crescendo*. São Paulo: Ática, 2004.

SABINO, F. et al. *Histórias divertidas*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

VERÍSSIMO, L. F. *O analista de Bagé*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

_____. *Aventuras da família Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1993.

_____. *O nariz e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *O suicida e o computador*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

_____. *Ed Mort: todas as histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

_____. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *As mentiras que os homens contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Vídeos

Os Gêmeos. Exposição Vertigem. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=nbw2a4yOC80&feature=related. Acesso em: 26 jan. 2010.

Os Gêmeos solo show @ Galeria Fortes Vilaça- São Paulo. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=ptHMXbNatEw&feature=related. Acesso em: 26 jan. 2010.





Anexos

ANEXO 1

Como funciona o grafite

por Sílvio Anaz

O grafite contemporâneo

Em 1971, o jornal The New York Times percebeu que um nome começava a dominar as ruas de Manhattan. Um adolescente de 17 anos, chamado Demetrius, vinha “etiquetando” vários prédios da cidade com seu apelido: Taki 183 (porque ele morava na 183rd Street). Um verão antes, ele havia tido a ideia de pichar seu apelido em caminhões de sorvete que circulavam pela cidade. Mas, naquele ano havia começado uma “guerra” silenciosa entre alguns jovens que resolveram marcar os lugares mais altos ou com maior visibilidade com seus nomes. Apesar da dimensão que o fenômeno tomou em Nova Iorque, segundo Justin Longo, em um estudo para o New Century College, a moda da pichação de forma sistemática havia começado alguns anos antes nas ruas da Filadélfia, que teve vários de seus prédios etiquetados por nomes como Cornbread e Cool Earl.



(Fotos: Alexandre Fukuda)

Obras dos grafiteiros “Os Gêmeos” em exposição em São Paulo em 2006

Logo, a disputa por mais e melhores locais para deixar

Agregar mídias e criar colaborativamente





uma marca levou a uma competição também pelas ilustrações mais criativas. As assinaturas pichadas começaram a dar lugar à imagens coloridas. O desafio começou a deixar de ser etiquetar os locais mais inacessíveis e sim transformar a paisagem urbana em um espaço para intervenções com os mais inspirados desenhos e letras artísticas. O fenômeno chegou aos trens do metrô. Os vagões e às vezes o trem inteiro viraram suporte para as ideias dos grafiteiros. Assim, as criações passaram a circular por toda a cidade, consolidando o grafite como uma arte nômade e ampliando a visibilidade das obras dos grafiteiros. Várias medidas de segurança e repressão começaram a ser adotadas pelas autoridades que consideravam o grafite como vandalismo, o que tornou cada vez mais perigosa e difícil a ação dos grafiteiros.

Antes de virar uma expressão artística, o grafite foi principalmente uma expressão política. Ele sempre esteve presente como marca de protesto, seja no cotidiano dos cidadãos desde a Antiguidade ou em manifestações de trabalhadores e jovens, como as que tomaram as ruas de Paris em maio de 1968. Mas, a partir da virada dos anos 60 para os 70, o grafite contemporâneo se desenvolveu como uma manifestação artística radical e de protesto dos jovens que moram nos grandes centros urbanos. Ele emergiu movido pela impossibilidade de muitos adolescentes se expressarem nos suportes e estilos artísticos reconhecidos “oficialmente”, pela insatisfação dos jovens com as suas precárias condições de vida e pela necessidade deles de afirmação social.

A ideia modernista de dessacralização da arte e do rompimento dos limites entre cultura erudita e popular, radicalizada com a Pop Arte nos anos 50 e 60, atingiu uma forma mais radical ainda com a arte do grafite. De baixo custo, sem precisar respeitar cânones estéticos, apesar da clara influência dos estilos modernistas (futurismo,



dadaísmo, surrealismo), e acessível a qualquer um com coragem para enfrentar sua ilegalidade, o grafite possibilitou uma nova percepção da arte. Com ele, a arte foi efetivamente para a rua e interagiu com o espaço público e a dinâmica da vida urbana. Ela não estava mais restrita ao privado, às galerias e museus.

(istockphoto.com © Jorge Delgado)



Um dos fatores que contribuíram para a expansão do grafite na Nova Iorque dos anos 70 foi sua integração ao movimento hip-hop. A manifestação cultural dos jovens pobres

e negros, para saírem do anonimato e se expressarem, incluía a música, com o rap e as inovações dos DJs e MCs, a dança, com o break, e a arte visual, com o grafite. Após virar uma febre nas ruas nova-iorquinas nos anos 70, o grafite espalhou-se por outros centros urbanos do planeta. Em cerca de uma década a arte transgressora, de rua, feita com spray e de resultados imediatos, foi descoberta por críticos de arte e marchands. No começo dos anos 80, os trabalhos dos grafiteiros invadiram as galerias de arte e ganharam exposições. Naquele momento, alguns grafiteiros como Jean-Michel Basquiat e artistas inspirados pelo grafite como Keith Haring foram reconhecidos como inovadores artistas plásticos e a arte do grafite atingiu um novo patamar.

Agregar mídias e criar colaborativamente

37



A técnica do estêncil

O uso de estêncil é uma das técnicas mais utilizadas pelos grafiteiros em São Paulo e outros centros urbanos. A partir de uma matriz, desenhada e recortada em um papel suficientemente duro ou outro material, cria-se uma espécie de fôrma ou máscara. Ela é então colocada na superfície a ser grafitada e sobre ela aplica-se a tinta com rolo ou em spray. Muitas vezes, os detalhes são complementados à mão livre. O uso do estêncil tornou-se bastante popular uma vez que é uma técnica rápida e que facilita a disseminação de uma marca pessoal do grafiteiro ou de um grupo. O estêncil ganhou sofisticação com o passar dos tempos, com a inclusão de recursos fotográficos para ampliação e montagem de obras mais complexas. Além disso, a arte de grafitar a partir de uma máscara evoluiu para os adesivos ou stickers, que são normalmente aplicados em telefones públicos e postes.

- Sobre a Vertigem

A exposição Vertigem retrata um mergulho profundo nos sentimentos desse universo criado pelos irmãos. Plasmando ideias cotidianas e criando cenas reconhecíveis através de uma mistura harmônica com o abstrato. As instalações, assim como o espaço criado pela dupla, sugerem uma divertida comunicação que explora os sentidos visuais, auditivos e táteis. A música, porta de entrada essencial para o mundo fantástico dos artistas, realiza uma interação individual e coletiva, colocando nas mãos de cada um o poder das palavras e dos sons. Tudo para que se possa entrar em uma viagem em busca de si mesmo, da luz e da sombra que existem dentro de cada um de nós. Uma experiência que nos faz submergir em todas as formas de um mundo paralelo e condizente com a realidade.



OS GÊMEOS

Nascidos em 1974, em São Paulo, os gêmeos idênticos Gustavo e Otávio começaram sua trajetória na *street art* em meados dos anos 1980, retratando as culturas regionais do Brasil nos muros de São Paulo. O trabalho da dupla está ligado a sua vivência na cidade, o grande *melting pot* cultural brasileiro. Sua obra mescla elementos do folclore nacional com outros ligados ao desenvolvimento da arte nascida nas ruas. As telas seguem a tradição do retrato, com personagens centrais em padrões multicoloridos e envoltos numa aura surreal. As instalações oníricas incorporam carros, barcos e bonecos cinéticos gigantes à pintura de parede em grande escala.

ANEXO 2

Matéria da Editoria:

Arte & Cultura

21/01/2010

CORES PRIMÁRIAS

O Grito, de Munch

Após a publicação na revista *Times*, em 1961, *O Grito* transformou-se em expressão dos infortúnios da modernidade. Edvard Munch sabia da importância dessa obra, pois fez 105 versões dela marcando a sua presença na história das vanguardas europeias.

Margarida Nepomuceno

Data: 09/06/2006

As perdas familiares do pintor norueguês Edvard Munch (1863 a 1944) – primeiro a mãe aos cinco anos, depois as duas irmãs e por último o pai – e a vida difícil em Kristiania, em Oslo, foram

Agregar mídias e criar colaborativamente



determinantes para a escolha dos temas que o acompanhariam ao longo de sua trajetória. É tido como um dos precursores do modernismo alemão, autor de seu próprio manifesto, produzido em 1889, no qual declara sua intenção de pintar, mais do que meros enfeites de paredes, “uma arte que saia do âmago do coração”.

Fez bem mais do que isso. A expressão que Munch procura dar ao sofrimento, à angústia e melancolia, seus temas recorrentes, dá a medida exata da importância que ele confere aos sentimentos e estados psíquicos dos seres humanos. Em *O Grito*, o artista busca a expressão do som desesperado emitido pela natureza. O tratamento acentuado das cores não é resultado de pesquisas de efeitos cromáticos, como foi para os impressionistas. Representou o caminho encontrado para expressar a atmosfera de angústia e sofrimento que envolve seus personagens.

DE DEGENERADA À ÍCONE

O pintor norueguês esteve por diversas vezes em Paris convivendo com impressionistas, fauvistas e simbolistas, mas manteve convívio mais estreito com os artistas alemães. Munch foi um dos inspiradores dos expressionistas alemães, e reconhecido pelas vanguardas europeias como um dos precursores do modernismo alemão. Não foi aceito, entretanto, durante muito tempo, em seu próprio país, nem tampouco na Alemanha do final do século 19. Em 1892, Munch teve que retirar seus quadros de uma exposição, em Berlim, tal o escândalo provocado. Na Alemanha dos anos 30, já reconhecido em toda a Europa, teria sofrido as mesmas represálias nazistas que vitimaram seus contemporâneos e parceiros da mesma corrente – mais tarde denominada expressionista –, Kirchner, Heckell e Rottluft. Seus quadros, cerca de 82, foram classificados como arte degenerada e também confiscados e destruídos.





Dezessete anos após a sua morte, ocorrida em 1944, aos 81 anos, a revista *Times* estampou *O Grito* em sua capa com a legenda “Culpa e Desespero”, passando, dessa data em diante, a expressar o espírito de uma contemporaneidade premida pelas catástrofes, desigualdades e infortúnios provocados pelo pós-guerra.

O Grito transformou-se em ícone da modernidade e como tal é vítima de sua própria popularidade. Milhares de reproduções de toda espécie são feitas anualmente de *O Grito* e espalhadas pelo mundo como souvenirs criando um distanciamento do seu sentido original. Distanciamento, mas não a perda de aura. Quando *O Grito* (o original de 1893) foi roubado da National Gallery, de Oslo, em 1998, sob as barbas da (in)segurança, os dirigentes do museu tiveram que colocar uma reprodução impressa no lugar do original para satisfazer a curiosidade de milhares de pessoas que foram até lá conferir a ausência da obra e a mensagem deixada pelos ladrões, que agradeciam “pela péssima segurança”.

OBRA SERIADA

Foi o próprio Munch quem desencadeou a ideia de reprodutibilidade em suas obras. O artista costumava produzir versões diferenciadas do mesmo tema. Chegou a fazer 105 versões de *O Grito*: duas são consideradas originais, a da National Gallery, produzida em 1893, em pastel, e a do Munch Museum (têmpera s/ papel), ambas em Oslo. A maior parte das reproduções foram feitas em xilogravura e litografia, e algumas em aquarelas e óleo. Dezesseis versões foram feitas também do quadro *As meninas no cais*, de 1889. Entretanto, as diferentes técnicas utilizadas pelo artista não alteravam, substancialmente, a significação original da tela. Tinham o propósito de aperfeiçoar o refinamento técnico-expressivo e de amadurecer as referências do artista.

Agregar mídias e criar colaborativamente





Para Paulo Roberto Arruda de Menezes, autor do ensaio “A Pintura Trágica de Munch”, publicado na revista *Tempo Social*, da Faculdade de Sociologia da USP, Munch, provavelmente, não foi o inventor das reproduções em série, nem foi o primeiro a usar esse recurso, mas utilizou-o no decorrer de toda a sua obra. “Raras são suas pinturas em exemplar único. [...] eram feitas tanto utilizando-se outros óleos, como mudando-se de meio de trabalho, em gravuras (lito, xilo, metal, etc) ou aquarelas”, escreve. O historiador faz um paralelo entre as reproduções feitas por Monet, Van Gogh e Cézanne e analisa as diferenças com as obras seriadas de Munch.

Enquanto que para Monet as séries tinham como objetivo captar as variações de forma e cor dos objetos expostos a diferentes luminosidades, em Munch, as reproduções não se transformaram em um sistema, com regras estabelecidas.

“Na verdade – escreve o autor – suas pinturas podem ser agrupadas e reagrupadas, como o próprio Munch fazia [...] de maneira diferente, alterando-se a ordem das telas referentes a um mesmo tema [...]”.

A Pintura Trágica de Munch trata das relações analisadas pelo autor entre a sua pintura e a filosofia de Nietzsche. Sabe-se que o artista não conheceu pessoalmente o escritor, somente a sua irmã Elizabeth – citado por Paulo Mendes em seu ensaio, mas fez três retratos de Nietzsche, dois óleos e um lápis sobre cartão.

N.E. _____

ANEXO 3

Sobre a crônica

por IVAN ANGELO

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como “reportagens”. Um leitor os chama de “artigos”. Um estudante fala deles como “contos”. Há os que dizem: “seus comentários”. Outros os chamam





de “críticas”. Para alguns, é “sua coluna”. Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que “crônica é tudo que o autor chama de crônica”. A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal. Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: “Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu”. Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: “É nosso familiar essay, possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época”. Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem cerimônia e no entanto pertinente. Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente. A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é leitor?,

Agregar mídias e criar colaborativamente



vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela “não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando”.

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Candido em “A vida ao rés-do-chão”: “Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”. Ainda ele: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoadada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”. Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não “se acha”. As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como “forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo”. Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

– Se não é aguda, é crônica.

Fonte: “Sobre a Crônica”, Ivan Ângelo, Revista Veja São Paulo, 25 de abril de 2007.





Referências

ANAZ, S. *Como funciona o grafite*. Publicado em 1º de setembro de 2008 (atualizado em 3 de setembro de 2008). Disponível em: <http://lazer.hsw.uol.com.br/grafite.htm>. Acesso em: 26 jan. 2010.

AZEVEDO, R. *Se eu fosse aquilo*. São Paulo: Ática, 2002.

BONASSI, F. *A boca no mundo: 100 crônicas de Fernando Bonassi*. Osasco, SP: Novo Século, 2007.

ESCRITORES da liberdade. Direção: R. Lagravenese. EUA/Alemanha: Paramount Pictures, 2007. DVD (123min).

NEPOMUCENO, M. *Cores primárias: O Grito*, de Munch. São Paulo: Carta Maior Publicações, Promoções e Produções Ltda., 2006. Disponível em: www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11384. Acesso em: 26 jan. 2010.

SEU JORGE; ANA CAROLINA. *Ana e Jorge ao vivo*. São Paulo: Sony; BMG, 2005.

Referências das imagens utilizadas

Fotos da exposição Vertigem dos artistas Os Gêmeos. Disponíveis em: <http://jornalismozo.wordpress.com>; <http://hypebeast.com/2009/10/os-gemeos-vertigem-exhibition-recap/>.

Quadro *O grito*. Disponível em: <http://pekingduck.org/archives/the%20scream.jpg>.

Agregar mídias e criar colaborativamente

45





Homer “Os Simpsons”. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_fal-9kl5Z7U/Sdar1YT3c2I/AAAAAAAAAh4/dIPr_qtCEBY/s1600-h/hommer_quadro.jpg (26 de janeiro de 2010).

O grito de Karol Wojtyla. Millôr, F. Veja, São Paulo, edição 1901, 20 abr. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/200405/millor.html> (26 de janeiro de 2010).

Charge El grito. Disponível em: www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/arquivos/Image/conteudos/imagens/3espanhol/9grito.jpg (26 de janeiro de 2010).



Agregar mídias e criar colaborativamente



